

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assignatura conjunta do Seculo, do Suplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa		
Anno.....	4\$800	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Semestre.....	2\$400	Anno.....	8\$000   Trimestre.....
Trimestre.....	1\$200	Semestre.....	4\$000   Mez (em Lisboa).....
			2\$000 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

**Capa:** LINDA ESTANCIA DE VERÃO (MARGENS DO AVE) (clichê de Marques Abreu). **Texto:** PORTUGA CATHOLICO: O JUBILEU PATRIARCHAL, 37 illustr. • CASAMENTO ELEGANTE, 12 illustr. • A EXPOSIÇÃO D'ARTE DE BARCELONA, 17 illustr. • O ESTUDO DO MAR: UMA ESTACÃO BIOLOGICA NA COSTA D PORTUGAL, 17 illustr. • AMORSINHOS DOIRADOS, 5 illustr. • VIDA COLONIAL, 7 illustr. • PERCURSO DO «RAID»: VIZEU, 6 illustr. • MEMORIAS DO CHEFE JACOB, 5 illustr. • • • • •

**S**ó não tem cabelo nem barba quem quer!!!

**Fazemos nascer**  
cabello aos calvos e barba  
aos sem ella em 20 a 24 dias.  
Garante-se que não é nocivo.

Remette-se com toda a discreção

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante.

Temos levado com o nosso **balsamo Mootcy a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu de balde!**

Homens notáveis e não notáveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos lugares da Africa e da Australia é o nosso **Mootcy** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gosa de fama universal.

O preço para o **Mootcy** é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de a porções.

**MOOTCY DEPOT** Ditmar Koelster, 3, Hamburgo, 133  
O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa



uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de 4\$420 réis.

Com cada porção vai um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remédio não der resultado algum.

Se isto não fôr verdade pagamos ao comprador 300\$000 (trezentos mil rs.). Para prevenção contra as imitações e falsos remédios fazemos notar que todos os pacotes tem escrita a palavra **Mootcy**.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adelantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

## Discos SIMPLEX

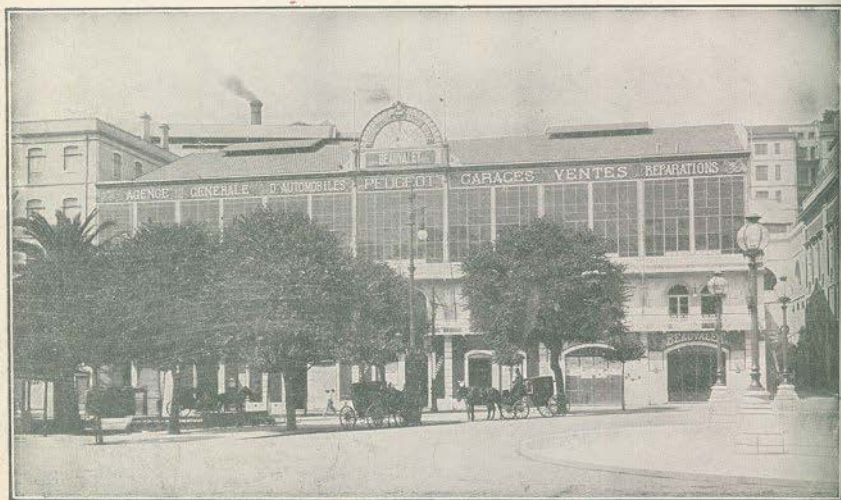
De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de **J. CASTELLO BRANCO**. Preços excepçionaes e graades descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. **PEDIR CATALOGOS a**

**J. CASTELLO BRANCO**

**R. de Santo António, 32, 34 e 82**

**LISBOA**

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



**ALBERT BEAUVALET & C.<sup>a</sup>** Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.  
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Farinha  
lactea  
Preço 400 réis

**Nestlé**

36 medalhas de ouro incluindo a conferida  
na Exposição Agricola de Lisboa

**UNION MARITIME E MANNHEIM**  
Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza

A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, sui da Prata, 59, 1.<sup>o</sup>, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivé o seguro denominado POPULAR para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa: **LIMA MAYER & C.<sup>a</sup>**  
**RUA DA PRATA, 59, 1.<sup>o</sup> - LISBOA**

Agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon



# PORTUGAL CATHOLICO O JUBILEU PATRIARCHAL



1. O sr. cardeal Patriarcha e o sr. arcebispo de Mitylene na porta lateral da Sé—2. O rev. dr. Fi. Luiz de Souza, superior da casa franciscana das Amoreiras, conversando com o sr. Avelino d'Almeida—3. A sr.<sup>a</sup> D. Victoria de Oliveira Marilus e madame Rollin—4. O padre Conceição Vieira—5. Duas irmãs de S. José de Cluny—6. O Padre Antunes, procurador geral das Missões

Os fiéis do patriarchado celebraram no dia 9 do corrente a entrada no anno iubilario de sua eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa. Ha vinte e quatro annos — terminados n'esse dia — que o sr. D. José Sebastião Netto, bispo de Angola e Congo, foi, com surpresa geral, transferido da Sé de Loanda para a de Lisboa, vaga pela morte do cardeal patriarcha D. Ignacio e ambicionada por muitos dos prelados do reino. Durante um quarto de seculo, o cardeal Netto, cuja resignação é um facto assente, tem governado a egreja olysiponense, sem

O rev. dr. Manuel Fernandes Sant'Anna, jesuita



1. Prioros de Lisboa—2. Creanças do collegio das Irmãs Hospitalairas, de Bemfica  
—3. Mgr. Gustavo Conto, prior de Lisboa—4. Dr. Mendes Lages  
—5. O sr. cardinal patriarchal

que durante a sua elevada direcção se produzissem acontecimentos que não puzessem em relevo a sua piedade e o seu zelo. Antes pelo contrario.

Discutidissima personagem, o sr. patriarcha de Lisboa, antigo parochio em uma ignorada aldeia algarvia, frade franciscano, foi tão surprehendido com a sua nomeação para a primeira mitra do reino, como o fôra antes para a mitra ultramarina. Hoje, o decano dos cardeaes presbyteros, membro do triumvirato cardinalicio que governou a Igreja universal no interregno aberto pela morte de Leão XIII, sente-se fatigado e deseja ir descansar o resto dos seus dias na sombra tranquilla d'um claustro...

6. O mestre de ceremonias, sr. Eduardo Ferreira  
—7. Dois lazaristas—8. Um menino de côra da Sé



1. Irmã Hospitaleira, com creanças da escola—2. O sr. Brito Aranha e sua esposa—3. Uma depuiação de alumnos das officinas de S. José—4. Mgr. Carlos do Rego, secretario do patriarchado—5. A sr.<sup>a</sup> marquesa de União com outras senhoras

O sr. D. José Sebastião Netto, a despeito dos seus sessenta e seis annos, encontra-se, todavia, robusto e forte, sem um cabello branco, a nobre e imponente figura erguida com magestade mas sem arrogancia,—como se, em vez de sobre os seus hombros pesarem tantos trabalhos apostolicos e uma adeantada idade, que tivesse sahido d'uma gloriosa juventude cujos vestigios teimassem em perpetuar-se indefinidamente.

Os admiradores de sua eminencia, os mesmos que dirigiram a Pio X uma mensagem para que o Summo Pontifice não

6. Dois frades estrangeiros—7. Dois jesuitas  
—8. Irmãs Hospitaleiras  
—9. Grupo de parochos de Lisboa e arredores





1. Irmãs de S. Vicente de Paula—2. O capellão da sr.<sup>ta</sup> marquesa de Rio Maior—3. Crianças da catequese—4. O sr. bispo de Macão—5. Irmãs hospitalares esquivando-se á objectiva—7. Irmãos terceiros franciscanos

6. A sr.<sup>ta</sup> marquesa de Unhão com outras senhoras

aceitasse o pedido de resignação, congregaram-se na igreja parochial de S. Julião na manhã do dia 9, e o sr. arcebispo de Mytilene celebrou ahi uma missa rezada para dar graças a Deus pela entrada no anno jubilar do sr. patriarcha de Lisboa, missa a que commungaram mais de duzentas pessoas. Depois na Sé, por occasião do *Te-Deum* commemorativo da coroação de Pio X, o eminente orador que celebrou



1. Despedindo-se do sr. Patriarcha á porta da Sé  
 —2. O sr. arcebispo de Mitylene saindo  
 da Sé—3. A sr.<sup>a</sup> D. Victoria de Oliveira Martins  
 —4. O nuncio de Sua Santidade.

este facto historico, o conego Ayres Pacheco, n'um repto de eloquencia, exortou o sr. D. José Sebastião Netto a não desertar do seu posto. Na tarde do mesmo, reuniram-se na sala de S. Vicente de Fóra, a felicitar o prelado lisbonense, todos quantos no mundo religioso da capital possuem um nome distincto ou um logar, por mais humilde que seja..

Ali estiveram membros da aristocracia, como os marquezes de Avila e Castello Melhor e a marquiza de Unhão; representantes do cabido e do clero parochial, delegados das ordens e congregações religiosas como jesuitas, franciscanos, lazaristas, salesianos, padres do Espirito Santo, dominicanos, irmãos de S. João de Deus, Dorotheias, irmãs hospitalceiras, de S. Vicente de Paula e de S. José de Cluny, figuras do clero secular como o velho padre Conceição Vieira, o original publicista, a quem o sebastianismo, o espiritismo e o diabolismo mereceram interessantes estudos, damas respeitabilissimas como D. Victoria de Oliveira Martins, a viuva do grande historiador; e uma multidão de creanças de collegios, asylos e catecheses que foram oscular o anel pastoral de quem no paço de S. Vicente deu, quem sabe, pela ultima vez, uma solemne recepção...

5. A ceguiha da igreja de S. Julião

4. O sr. conego Ayres Pacheco



# CASAMENTO

## ELEGANTE



O casamento da sr.<sup>a</sup> D. Alice de Sampaio  
Teixeira de Souza  
com o sr. José Augusto Gerodio

*O sr. conde de Sabrosa cumprimentando  
a noiva—A noiva saindo do trem,  
à porta da igreja, pelo braço de seu pai  
e precedida pelas madrinhas*

*—O sr. conselheiro Teixeira de Souza subindo o adro da igreja, com sua filha pelo braço  
—Os noivos saindo da igreja depois do casamento—A noiva entrando no trem,  
acompanhada pelas demoiselles d'honneur*





O sr. conde de Sabrosa  
 e o sr. conselheiro José de Azevedo  
 — As demoiselles d'honneur  
 — A corbeille da noiva  
 — Depois da cerimonia nupcial:  
 a chegada dos noivos  
 a casa do sr. conselheiro Teixeira  
 de Sousa

— O menino Antonio Abel Sampaio, e as meninas Maria Augusta Azevedo, Adelaide Sampaio, Olympia Azevedo,  
 conselheiro Matheus dos Santos e Antonia Marinho



*Um grupo tirado na sala de visitas; as meninas Maria Augusta Louza, Laura Sabrosa, Maria Augusta Azevedo, Ira Martinho, Alice Oliveira, Maria Emilia Caria, a noiva, o menino Antonio Abel Sampaio, o noivo e a menina Maria Conceição Caria*

*—Um grupo de transmontanos; (da esquerda para a direita), conselheiros José de Alpoim, Antonio de Azevedo e Teixeira de Souza. Segundo plano: major Teixeira Martinho, Joaquim Sampaio, dr. Alberto Sampaio, Theodorico Pimentel, Abel Teixeira de Souza, José Augusto Serodio, João Gonçalves Serodio, Antonio Boura, dr. Joaquim de Azevedo, Vasco da Rocha e Castro, Oliveira e Castro, Manuel José de Azevedo, Abílio Soeiro, conde de Sabrosa, José Moraes Neves e dr. Matheus Sampaio*

(CLICHÉS DE BENOLIEL)



# A Exposição de Arte de Barcelona

A SECÇÃO PORTUGUEZA

V. EXPOSICIO  
INTERNACIONAL  
D'ART-ABRIL DE 1907  
PREMS ADOUSICIONS  
PERA LS MUSEOS  
CIVICS

N'ESTA FORMOS  
obra de cultura  
ra que realisa  
Barcelona, a pro-  
gressiva capital da  
Catalunha, respira-  
se um ambiente artísti-  
co, que se desprende de  
todas as manifestações  
da vida catalã. Se o  
meio não fosse apropria-  
do não seria possível admirarmos  
o espectáculo brilhante que oferece  
uma cidade como esta, despro-  
vida de todo o auxilio do Estado,  
conseguindo só pela sua inicia-  
tiva reunir n'uma soberba expo-  
sição internacional as obras pri-  
mas dos artistas contemporaneos.  
Barcelona fez o seu certamen só  
com as suas proprias forças, sem  
precisar do auxilio de ninguém,  
ajudada apenas pelo patriotismo  
dos catalães.

A Junta Municipal de Bellas  
Artes, organismo especial e auto-  
nómico, com fundos proprios, de-  
pois de ter conseguido constituir  
em Barcelona adequado ambien-  
te em favor das coisas artisticas  
e transformar o Palacio de Bellas  
Artes, propoz á camara celebrar  
uma exposição internacional d'Ar-  
te, convocando a concorrerem a  
ella os mais notaveis artistas na-  
cionaes e estrangeiros cujos tra-  
balhos se encontram actualmente  
expostos no novo Palacio.

As salas do andar superior são  
todas dedicadas á pintura. Da gra-

de da galeria que circunda a  
grande hall dependuram-se as va-  
liosias tapeçarias das salas da  
Audiencia. D'Espagnan expõe  
um grande quadro imitando ta-  
peçaria, que occupa o *plafond* do lado es-  
querdo do orgão pequeno. No lado di-  
reito do orgão, com soberba luz, collo-  
quei uma parte da secção portugueza.  
Lá estão as esculpturas *Noite de S. João*,  
de Costa Motta sobrinho, a *Caridade* e  
o *Santo Izidro*, de Teixeira Lopes, um  
bronze de Thomaz Costa — este artista  
tem na grande sala central da exposição  
a sua *Hébé* que é muito celebrada —  
uns soberbos retratos de Carneiro, uma  
vitrine com as rendas de D. Maria Au-  
gusta, uma pa'zagem de Luciano Freire,  
outra de Arthur Prat e os azulejos de  
Jorge Colaço.

N'este andar, começando a visita pela ala do poen-  
te, o que primeiro se encontra é a Sala Portugal,  
na qual o artista Brossa executou um esplendi-

do friso imitando  
azulejos. Nostio  
de honra  
estão exposta  
as obras dos so-  
beranos portu-  
gueses: no alto  
da parede o  
pastel de El-  
Rei intitulado  
*Sobreiro*, que  
constitue o  
*clou* do certamen,  
o melhor pastel  
exposto; mesmo  
de baixo do  
quadro de el-  
rei estão col-  
locadas as lin-  
dissimas e de-  
licadas agu-  
rellas da sym-  
pathica rain-  
ha de Portu-  
gal, a senhora  
D. Amelia. As  
obras dos au-  
gustos artistas  
estão dispostas  
no centro de  
uma soberba  
decoração em  
tapeçaria, obra  
do notavel de-  
corador Mira-  
bent, com uma  
legenda em



Secção da França

portuguez e com o nome de todos os expositores da secção portugueza. Ao pé das aguarellas da rainha, n'uma abraçadeira de ferro forjado, está um pucaro de arte mourisca, que eu todas as manhãs encho de flores viçosas: é a gratidão sincera d'um admirador das virtudes da gentil soberana, que assim lhe agradece a honra altissima de ter favorecido a minha terra com os primores do seu talento e do seu affecto.

Mas nada mais quero dizer da minha lavra em louvor da secção portugueza. Se m'o não impedisse a sua extensão, transcreveria aqui o magnifico artigo critico, que a seu respeito publicou o critico competentissimo de *Las Noticias*. Não deixa-



rei, comtudo, de reproduzir alguns trechos mais salientes e expressivos d'esse bello artigo.

«É magnifica e completa a manifestação de arte do nosso vizinho Portugal, quanto reduzida; diante d'aquellas telas e d'aquellas aguarellas o espectador convence-se de que entre os artistas lusitanos não penetrou ainda a influencia modernista e de que a arte classica hespanhola e a arte contemporanea portugueza são gemeas.

«Os visitantes da V exposição passarão um pedaço delicioso se se detiverem a contemplar as obras dos ar-

tistas portuguezes, todas ellas firmes no desenho, equilibradas na perspectiva e na composição, e executadas com tanto conhecimento da grande arte, da arte que fica, como todos os segredos e requintes da technica.

«Pintura antiga pelo processo, pôde reputar-se a portugueza; pintura academica estrictamente classica, um tanto passada de moda, se a arte



Sala da secção ingleza—Sala da secção allemã  
—Sala da secção belga

póde estar sujeita a ella; mas sentida, humana e viril na execução, serena e convincente nos efeitos. Domina n'esta sala





dem no esplendor da mancha a ignorancia da forma e das proporções, dirão unanimemente que a arte de Portugal não diz nada de novo, que é a continuação do neo-classicismo hespanhol, que nada diz em uma exposição de tendencias modernas; mas, entre todos elles não haverá um só que pinte um retrato como os que n'esta instalação fazem brilhar o bom nome de Portugal na pintura.»



O critico passa em seguida em revista os quadros dos artistas portuguezes, detendo-se com amáveis referencias a alguns, especialmente Columbano, Carlos dos Reis e Malhoa. O primeiro compara-o ao pintor catalão Simón Gómez; o segundo, considera-o um aperfeiçoador da escola de Caba; e o terceiro, recorda-lhe ainda outro pintor catalão, Baldamer Galofre. Cita mais as sr.<sup>as</sup> D. Emilia Santos Braga e D. Virginia Santos Avellar, e os srs. Hermann, Ribeiro, Freire, Vaz, Alfredo Prat e Gameiro, e promete occupar-se, em outro artigo, das restantes obras portuguezas. O artigo do distincto redactor de *Las Noticias* termina por estas palavras:

«Em resumo: a sala de Portugal é uma das melhores da exposição, se não pela diversidade de generos de pintura expostos e pela variedade dos assumptos, pela unidade de sentimento que domina em toda a instalação.

«Devemos ficar, os amantes da pintura, agradecidos á manifestação artistica dos nossos vizinhos; até hoje não nos conheciamos, mas agora sabemos que na arte somos tambem irmãos.»

Artistas lusitanos, meus amigos d'esse Portugal querido, todos aquelles que, em homenagem agradecida á amizade que sin-



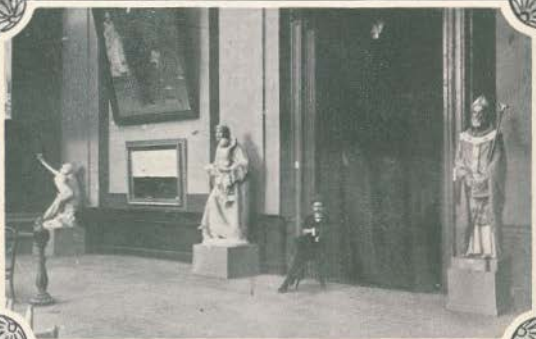
*Secção inglesa—Secção catalã: Hall central (lado O.) Fragmento do monumento ao dr. Robert—Secção italiana*

a figura, exhibida no retrato, sobrio e correcto, de fundos obscuros, de traços humanos, de poses naturaes.

«Os pseudo modernistas, os impressionistas, e quantos escon-

ceramente vos dedico, acudistes ao meu appello, realisando a formosa exposição de arte portugueza, completa e magnifica, como diz o critico, do fundo do meu coração, entusiasticamente vos felicito! E n'esta felicitação vae a mais presada recompensa que pôde obter o vosso commissario e delegado geral da secção portugueza!

Em outras salas, de que as estampas que acompanham este artigo reproduzem os aspectos encontrados-



se dispostas as secções hespanhola, franceza, italiana, belga, ingleza e allemã. No hall central, destinado especialmente á esculptura, encontram-se trabalhos notaveis dos estatuarios catalães, entre os quaes um dos grupos de Llimona destinado ao monumento que a Catalunha vae erguer ao seu glorioso filho dr. Robert, e o grupo do Trabalho, original do nosso primeiro estatuario, Miguej Blay, que faz parte do



*Secção portugueza, galeria da esquerda—Secção portugueza, depois da installação provisoria: obras de Suas Magestades el-rei D. Carlos e da rainha D. Amelia —Secção da França—Vestibulo interior*



monumento levantado em Portugal e á memoria de Victor

Chayrri. Os demais trabalhos dos outros artistas catalães encontram-se especialmente na sala dos desenhos, que segue ao vestibulo, e que tem, ao meio tambem, um soberbo marmore de Llimona. Ahí se vêem as obras primas de Riquer, Pichet, Goitia, Colom, Llaverias, Opisso, Bollain, Bloemfield, Félix de Lennes.

A parte posterior da exposição está destinada, uma parcella, ao restaurant, e as duas seguintes são occupadas pela secção da Alemanha, representada por um lindo e notavel conjunto, se bem que achamos incompleta a representação dos mestres allemães. A decoração d'estas salas é severissima.

A scenographia tem, a continuação, a sua sala especial, e é preciso frisar o progresso que esta arte tem feito na Catalunha, onde podemos envaidecer-nos de possuir verdadeiras notabilidades n'esta difficil arte. Soler y Rovirosa, Gunyent, Moragas, Alarma, Urgellés, Vilumana e outros distinctos scenographos catalães expõem em theatrinhos a proposição de soberbas decorações.

Na sala que segue á lusitana, dedicada como aliás o são todas as d'esta banda á pintura hespanhola, a que não posso deixar de referir-me especialmente, tem sido decorada pelo distincto artista Friado, que a converteu n'uma das mais artisticas da exposição. As industrias artisticas estão n'esta sala soberbamente representadas. N'uma das paredes, entre folhas de louro em homenagem ao fallecido mestre catalão Caba, se admiram os famosos retratos d'este artista. Além d'estes vêem-se quadros de Urgell, Padilla, Berueta, etc.



O sr. Ribera y Rovira, commissario da secção portugueza—O sr. Joaquim Heliodoro Callado Crespo, consul de Portugal em Barcelona—O sr. Pedro Sureda Rosa, vice-consul de Portugal

em Barcelona—O sr. D. Domingo Juan Santleby, alcaide de Barçelona e presidente do comité da Exposição—O sr. D. Carlos Pirozzini, secretario geral da Junta Municipal de Bellas Artes de Barcelona—O sr. Ribera y Rovira, catalogando a Caridade de Teixeira Lopes

A sala que se segue, dirigida por Gual, o qual pintou um bonito

panneau, inscripto n'um meio ponto, contém uma fonte lindissima encimada por um escudo da Catalunha, e outras obras de Nonell, Viner, Pichot, Opisso, Canals, Regoyos e Cabanyes.

Continuação d'esta sala é a dedicada aos insignes artistas catalães Casas e Rusiñol, que tem obras muitissimo notaveis.

Tambem merecem parabens os do Circulo Artístico. Os irmãos Osé decoraram soberbamente uma das portas e outros socios d'aquella corporação decoraram o resto. Sardá, Rós y Guell, Laraga, Pascual, Cusachs, Fuster, Soldevila, Goli, Folosa, Felni, etc., etc., expõem n'este salão acompanhados de esculpturas de Pradell.

Como facilmente pôde suppôr-se, pois, a V Exposição Internacional da Arte, de Barcelona, é um acontecimento artistico, digno de ser registado nos annaes da arte contemporanea. Os portuguezes, artistas e profanos, muito teriam n'ella que aprender e desde já alvitro a uns e a outros virem em excursão de estudo para admirarem esta soberba demonstração que a capital da Catalunha fez ao mundo da sua cultura, do seu progresso e da sua inegalavel iniciativa.

Quasi todos os paizes do mundo estão representados no nosso grande certamen artistico. Até o Japão mandou as obras primas dos seus artistas, obras primas que chegarão brevemente e tudo sem protecção official, só com a perseverança, o trabalho e a energia d'este admiravel povo catalão, orgulho da Hespanha.

Barcelona, 20 de maio de 1907.

RIBERA Y ROVIRA.

(CLICHÉS DE MAS E MERLETTI)

# O ESTUDO DO MAR



## UMA ESTAÇÃO BIOLÓGICA NA COSTA DE PORTUGAL

*Baía de Albarquel*

**A**s riquezas que o mar occulta impressionaram sempre a imaginação fecunda dos romancistas de todos os tempos. Quem não conhece a vida extraordinária do famoso capitão Nemo, as surpresas dos *Segredos do Oceano*, de Lamothe, os recursos quasi infinitos que possuía a sereia *Miss Waters*, essa criação tão deliciosamente humorista do exótico Wells?

Do mysterio é a lenda inseparavel companheira. Por isso ainda hoje, n'uma epocha de positivismo quasi irreverente, a lenda paira sobre as aguas mysteriosas. Nos grandes fundos ha monstros extranhos animados por uma vida singular, e a imaginação vivamente excitada pela inatingibilidade do abysmo cria muitas vezes formas mythologicas que nos surpreendem pela inverosimilhança, mas cuja existencia continua sendo um ponto de interrogação: — é o caso da famosa Python, a Serpente do mar, que os capitães de longo curso conseguiram divisar uma vez atravez dos oculos de grande alcance, em dias claros de sol, boiando adormecida e embalada pelo arfar lento das vagas.

Os pescadores contam ás vezes, nas noites de invernia rija, enquanto o vendaval açoita a crista espumante das ondas que se arremessam como montanhas contra o fraguedo, a apparição de seres extraordinarios perante os quaes se benzeiram contractos. Ouvi um dia um velho lobo do mar contar-me ingenuamente que escutára o canto das sereias, uma melopea arrastada e sensual cuja lembrança bastava para causar-lhe um arrepio na espinha.

A influencia do mysterio traduz-se na alma do povo pela feição infantilmente religiosa do seu espirito. Os que andam por sobre as aguas não são

livres pensadores; os segredos do abysmo, as tempestades, o isolamento do microcosmos entre o céu e o mar, os phenomenos incomprehendidos limitando-lhes

o campo positivo, tudo isto é n'elles uma origem de superstição. A fé começa n'elles onde acaba a razão e serve-lhes para explicar o inexplicavel.

Mas a sciencia, na ancia de perscrutar as causas proximas dos phenomenos, abre dia a dia maior campo ás suas investigações, e procura trazer á luz do sol todos os mysterios, desvendando todos os segredos que nos occultam as aguas.

O mar é inexgotavel manancial para o estudo das sciencias naturaes; d'elle teem ainda muito a esperar

a Biologia, a Mineralogia e a Geologia. A sciencia possui desde alguns annos um capitulo novo: a Oceanographia, e as numerosas campanhas hydrographicas dos ultimos tempos provam de sobejo a importancia que se liga a este ramo especial. Sondar o abysmo é avançar no progresso — é abrir novos horizontes ao cerebro humano. Cada nova descoberta é uma conquista brilhante cujos fructos são de incalculavel valor.

Mas se a pesquisa das aguas tem grande importancia sob o ponto de vista especulativo da sciencia, muito maior se nos afigura se a encarmarmos pelo lado economico. Conhecem-se actualmente cêrca de duas mil e quinhentas especies diferentes de algas, grupadas em divisões, generos, familias,

tribus e secções. Enquanto os sabios as classificam, o lavrador aproveita-as como adubo precioso, e o nosso camponez do norte conhece bem a importancia do corrião, da bodelha, do verdelho, etc., debaixo do ponto de vista agricola. Das plantas marinhas extrae-se o iodo, o bromio, o azotato de potassio, o



*Guindaste com a draga chalut preparada para embarcar, na esplanada do forte de Albarquel*



sulfato de sodio e muitos outros productos de valor industrial consideravel. A chimica descobriu e aperfeçoou os processos de que a industria se aproveita. Se a ichtyologia fórma um capitulo da biologia, o estudo das pescas é inseparavel do das sciencias economicas. O consumo do peixe, alimento de preciosas qualidades, é importantissimo em toda a parte, e com os progressos gigantescos das industrias, permitindo encurtar e simplificar os transportes, as populações do interior podem hoje participar com as da costa n'este banquete universal.

Possue particularmente o nosso paiz condições materiaes que o tornam campo precioso de investigação. Banhadas pelo Atlantico, as nossas costas são extremamente fertes em exemplares raros da fauna e da flora maritima, regiões inexploradas por investigadores de criterio seguro, não falando de algumas brilhantes tentativas de tanto maior merito, quanto são quasi exclusivamente devidas á iniciativa individual.

A nossa vegetação submarina é riquissima, explicando assim a affluencia de peixe ás nossas aguas. Todas as especies se encontram ahí representadas e proliferam sem peias, o que as grandes companhias inglezas de pesca sabem muito bem. Por isso houve quem não deixou de protestar quando ha annos começaram a vir devastar-nos os fundos maritimos com os apperellos de arrasto.

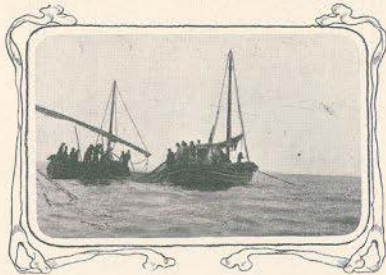
No ultimo congresso internacional de medicina,

por occasião do qual Lisboa albergou grande parte da aristocracia intellectual de todos os paizes, um facto houve que bastante impressionou os naturalistas estrangeiros.—Pois què? em paiz de tão vastos recursos naturaes, onde o exercito da sciencia possui alguns generosos soldados, onde o mar se vem offerecer no littoral com requebros de corteza, não existe instituição regularmente organisaada que lhe investigate os segredos, que arranque dia a dia novos cabedaeas, novas riquezas para a sciencia?

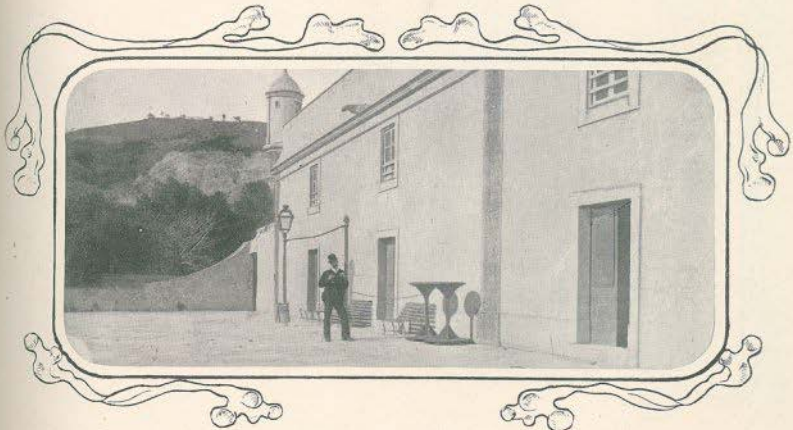
Foi por isso que a secção de Anatomia, da qual faziam parte biologistas insignes como Waldeyer, Ramon y Cajal, Benda, etc., propoz que o Congresso votasse a criação de uma Estação de biologia maritima na costa portugueza, á similhança do que tem feito as grandes nações. A idéa ficou lançada, e á frente do movimento encetado collocou-se um punhado de homens de sciencia da nossa melhor élite intellectual. A commissão immediatamente organisaada sob a presidencia do professor Mattoso Santos, composta dos

Drs. Carlos França, Marck Athias, Celestino da Costa, Bettencourt Ferreira e do naturalista Anthero de Seabra, reuniu pouco tempo depois para inaugurar os trabalhos de fundação.

Decidiu-se que a nova estação se approximasse quanto possivel das que existem já nos outros paizes. A de Napoles é modelo de installações d'este genero. De caracter internacional, todos os governos, incluindo o nosso, se apressaram a subsidiar a obra, de fórma que em breve adquiriu o brilhantismo actual. Dirige-a o professor Dhorn, que todos os



*Embarque de uma armação de alto mar, em Setubal*



*Esplanada e fachada principal do forte de Albarquel*

annos faz publicar nas *Mitteilungen aus der biologischen Station* os resultados dos trabalhos ali executados.

E' immensa a popularidade do Aquario de Napoles. Os grandes paquetes das linhas do Oriente depositam todos os annos no famoso golpho muitos milhares de estrangeiros. Pois todos vão admirar os exemplares raros ás piscinas do Aquario, inscrevendo uma impressão no seu *blok-notes* de *touriste*.

Na Italia ha ainda a pequena estação de Vilafranca.

Na Austria, existe a de Trieste, fundada pelo professor Schultze, cathedratico de uma cadeira de zoologia na Universidade de Berlim.

Na Alemanha creou-se a de Heligoland, onde se estudam especialmente assumptos relativos a pescas.

Em França destacam-se, entre outras, as de Roscoff e Arcachon, cujos bancos ostríferos são famosos.

A península iberica não possuía um estabelecimento d'este genero!

Para estabelecer a futura Estação, pensou-se n'um velho forte que existe em Albarquel, proximo da barra do Sado. E' uma pequena bahia no caminho do Outão, onde vão morrer os ultimos contrafortes da serra que pelo norte domina a paisagem.

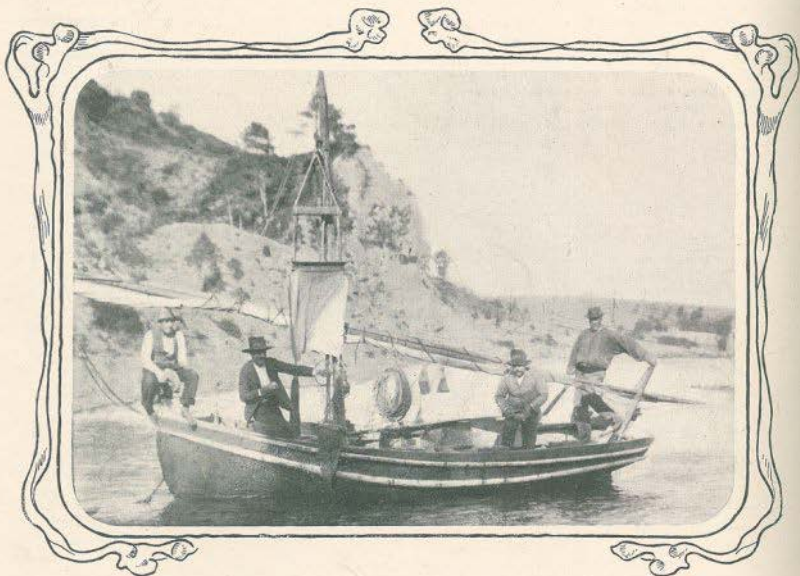
Os arvoredos cobrem a encosta de natural tapete de verdura; aqui e ali, pequenas herdades onde sobre o verde sombrio dos pomares se destacam as casas de construção singela, caídas como ermidas, dando uma nota fresca de alvura onde se denuncia a vida simples e sadia do lavrador.

Caprichosamente recortado, o littoral ora se precipita quasi a pique sobre as aguas terminando em moles de rochedos, ora se espraia em linguas arenosas, banhadas pela agua intensamente azul dos dias claros.

Pela ribeira de Albarquel, que a estrada atravessa



*O forte de Albarquel visto do mar*



*A Torta, fundeada na pequena bahia de Albarquel, com os preparadores e pescadores que trabalharam nas explorações de que foi encarregado, pela direcção do Museu Bocage, o sr. Anthero de Seabra, em agosto de 1903. Vê-se suspensa do mastro a draga que serviu nos trabalhos de pescas scientificas*



perto da foz, as lavadeiras cantam e batem roupa, arregaçadas até ao joelho no meio da agua. Rescende a bucolismo o ar balsamico, filtrado pela folhagem das arvores, onde o eucalypto faz vibrar a nota exotica.

No verão, quando ao longo da estrada chia o carro de bois e o sol dardeja a prumo raios de fogo, sobre os quaes faiscam as aguas da bahia, o aspecto regional tem o caracteristico intenso das paizagens da Sardenha. Ha sempre uma aragem que refresca dia e noite a atmosfera calida. Respira-se saude: no sanatorio do Outão os factos falam mais eloquentemente que as palavras.

O forte é construido brutalmente, como que um desafio ás tormentas e ás ondas. Avança sobre o mar, n'uma esplanada de pedra, até ao parapetto onde velhos canhões inoffensivos espreitam o horizonte como sentinellas inuteis. E hoje absolutamente nullo o valor militar da construção, porque as paredes, que tantos annos teem resistido á furia das ventanias, seriam brinquedo de dez minutos para a artilharia das modernas esquadras.

Sob o ponto de vista scientifico, a região é particularmente rica em flora e em fauna quasi exclusivamente maritimas. Prova-o a extrema abundancia de echinodermes, que parece só poderem viver na agua salgada. Já em 1903 e 1906 a bahia foi explorada por um intelligente investigador, o sr. Anthero de Seabra, que, em missão do Museu de Historia Natural, onde brilhantemente desempenha o cargo de observador, ali colheu e estudou preciosos exemplares.

Passando rapidamente em revista a fauna da região, segundo os estudos a que acabo de referir-me, chegamos á conclusão que o local é realmente dos que mais vantagens offerecem ao estabelecimento da futura Estação biologica.

Os grandes estuarios do Sado são extremamente ferteis em toças as especies de fauna maritima.

Fôra da barra encontra-se o golfinho e o roaz, da classe dos mamiferos, bem como outras variedades menos conhecidas.

Dos reptis, é commum a tartaruga do mar, que apparece frequentemente nos mercados de Setubal.

Toda a fauna ichtyologica se encontra representada, sendo especialmente notavel a frequencia da sardinha. O robalo, o salmonete, a boga, a doirada, o ruivo, a corvina emigrante, o peixe-rei, a tainha, o linguado, a enguia e o safo são tambem communs proximo do littoral.

Muitas especies entram rio acima, até Setubal, como succede, por exemplo, com algumas raias, com os torpedos, o ratão, e certos peixes voadores, que podem ser mortos da esplanada por um atirador habil.

Além d'estas, muitas outras especies apparecem rara ou esporadicamente nos engenhos de pesca armados proximo da bahia.

A' entrada da barra ha um ilheu formado de rochedos, a Pedra da Anicha, de fauna notavelmente rica em peixes, echinodermes, celenterados, molluscos e crustaceos, e onde a flora é tambem representada por abundantissima vegetação de algas marinhas. Este rochedo, afastado cerca de duzentos metros da costa, prestava-se maravilhosamente á in-



Logar da Commenda na bahia de Albarquel



Pedra da Anicha, ilheu situado em frente do portinho da Arrabida, na entrada da barra de Setubal. A fauna em volta d'este ilheu é notavelmente rica não só em peixes como em echinodermes, celenterados, molluscos e crustaceos, etc. Os fundos são variaveis e as algas abundantes. Está afastado da terra uns 200 metros. Presta-se para o estabelecimento de um pequeno posto de experiencias.

stallação de um pequeno posto de experiencias.

Na classe dos crustaceos, raras são as especies em Portugal cuja descoberta não foi primitivamente feita em Setubal.



*Professor Waldeyer, director do Instituto Anatomico de Berlim*

Os exemplares que existem no museu, colhidos pelo sr. A. de Seabra em 1903, attestam a riqueza da região. Adaptar pois o forte de Albarquel ás exi-

gencias dos estabelecimentos scientificos d'este genero, onde os estudiosos possam amplamente colher o fructo do trabalho methodico e bem orientado, seria sem duvida factor poderoso no progresso intellectual e cultural do nosso paiz. As nações estrangeiras, vendo fructificar a obra, subsidial-a-hão duplamente: concedendo-lhe determinada annuidade e enviando os seus naturalistas.



*Em frente de Albarquel: barcos de pesca rebocados*

Mas a installação deapparelhos de pesca, de serviços regulares de pesquisa hydrographica, de viveiros de piscicultura, etc., exige de todos, começando naturalmente pelos poderes constituidos, especial attenção, energia e boa vontade que estou certo não ha de faltar desde que a obra se popularise.

Hoje, que ha no nosso paiz a febre de attrahir o



*A Torta preparada para partir para uma excursão de pescas zoologicas.*



movimento mundial, será para desprezar tal oportunidade?

Portugal não tem industria que mereça a pena citar ao lado das grandes nações produtoras, mas o solo é fertilissimo. A' agricultura devemos em parte o não sermos pelo mundo totalmente desconhecidos. Pois não é o vinho do Porto (embora falsificado por mil astuciosos processos) que faz na Europa com que muitos suspeitem da existencia da nossa nacionalidade?

Paiz de navegadores, foi pelo mar que abrimos novo campo á cultura humana. O mar não nos deu tudo ainda. Se pela agricultura temos motivo de existencia, o mar—único recurso. da nossa população costeira— não constitue radio de importancia menor.

Conversando uma vez commigo em Berlim, dizia-me o professor Waldeyer a proposito da questão:

—E' preciso que em Portugal o publico se interesse pelo facto. A idéa não é só de grande alcance scientifico, é talvez de maior alcance economico e social. O peixe é dos melhoes e mais baratos alimentos, é pois justo e natural que paiz como o seu se interesse pelos problemas mais palpitantes da biologia maritima, a que estão intimamente ligadas as explorações hydrographicas.

E por existirem já entre nós trabalhos de reconhecido valor scientifico que muito honram o paiz e os seus auctores, é mais

essa uma razão de peso para insistir. Ninguem desconhece as brilhantes campanhas de S. M. El-rei a bordo do seu yacht, nem a obra do sr. capitão de fragata Baldaque da Silva, que dedicou dez annos de incançavel actividade a estudar os rios e costas de Portugal. Encontram-se registados n'um grosso volume os resultados d'esse trabalho: *Estado actual das pescas em Portugal*; é a unica grande obra de synthese que n'este genero existe em lingua portugueza.

Outras se podiam ainda citar, se a indole d'este artigo o permitisse. Mas a sua intenção é simplesmente vulgarisar um emprehendimento dos que marcam epocha decisiva

no desenvolvimento intellectual de nacionalidade como a nossa, e acompanhar de algumas palavras as photographias reproduzidas.

E para terminar: não é á sociedade de naturalistas que deve entregar-se a direcção do nosso pobre

aquario, que, embora pequeno, representa já esforço apreciavel em meio da indifferença que habitualmente reina entre nós? De aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, não vejo impossibilidade de virmos a possuir instituição d'este genero que possa mostrar-se com orgulho. Aquario e jardim zoologico deviam ser, em paiz colonial e maritimo como este, duas coisas preciosas. Viremos um dia a possuil-as a sério?

Berlim, 1907.

HERMANO NEVES.



4. Arthur de Seabra, conservador do Museu Bocage

5. Dr. Celestino da Costa, medico dos hospitales

1. Dr. Belteucouri Ferreira, naturalista do Museu Bocage

2. Dr. Marc Athias, preparador de histologia na Escola Medica e chefe de serviço no Instituto Bacteriologico

7. Conselheiro Fernando Malhoa dos Santos, professor de Zoologia da Escola Polytechnica.

6. Dr. Carlos Franca, naturalista do Museu Bocage e chefe de serviço no Instituto Bacteriologico

A. a comissão organizadora da Sociedade dos Naturalistas Portuguezes





AMOR SINHOS DOIRADOS  
 UMA CASA DE POMPEIA  
 AMOR SINHOS DOIRADOS



AINDA proseguem, como todos sabem, as escavações em Pompeia. A pequena cidade da embocadura do Sarno não está por ora inteiramente posta a descoberto: falta para isso quasi uma terça parte da área em que antigamente formigavam, na Campania, os seus trinta mil habitantes. E' um passado que se desenterra lentamente, e cujas revelações ainda não cessaram, portanto.

Sabemos por certo a historia de Pompeia e das eru-

pções do Vesúvio que a subverteram. Ella era, nos seus dias gloriosos, uma cidade elegante e graciosa, onde os romanos ricos mandavam construir villas luxuosas para seu regalo e onde os estrangeiros affluíam constantemente á cata de prazeres. Fôra fundada por Hercules, dizia a tradição, e era decerto, n'esse tempo, a perola mais valiosa do sul da Italia. Sabemos tambem como a vida decoria em Pompeia, cuja população era partilhada em duas ci-

Fontana ou frontão do peristillo.  
 —Decorações do jardim.



thegorias: uma que se consagrava ao commercio, muito activo, e a outra que se entregava aos divertimentos. Havia na cidade dois theatros, um grande, descoberto, e outro pequeno, coberto; e n'um dos seus extremos ficava o enorme amphitheatro com vinte mil logares. No proprio dia da segunda erupção, que a destruiu definitivamente, em 79, devia representar-se o *Carina*, de Plauto.

Sabemos o que era Pompeia com as suas praças do Forum e do Forum triangular, cercadas de templos e ladeadas de estatuas; com as suas ruas bem alinhadas, pavimentadas de lava e bordadas de passeios; com as suas *thermas*, as de *Stabies* e as pequenas *thermas*, de requintado gos-

para a sua villa; os que vão para as *thermas* ou para o forum discorrer sobre as novidades e escandalos da cidade; por evocação facil resuscitamos, enfim, toda a vida da pequena cidade. De resto, já um romancista brilhante, Boulwer Lytton, desenhou o quadro completo d'essa interessante civilização greco-latina na vespera da catastrophe de Pompeia, onde, exactamente no anno de 79, se passa a acção da sua historia dos amores do rico atheniense Glaucus com Iona, pupila do padre egypcio Arbaces.

Não admira, pois, que sendo Pompeia como é, assim, o que melhor conhecemos da antiguidade, nos interessem sempre vivamente as novas descobertas que se realisam nas suas famosas rui-



to; com os numerosos edificios publicos, attestando a riqueza cidadina, taes como a basilica, os tribunaes, o edificio de Eumachia, o mercado coberto, a caserna dos gladiadores; com as suas casas particulares celebres, como as do Fauno, dos Vettii, do Poeta tragico, de Pansa. Sallustio, com as suas multiplas fontes. Por uma evocação facil, vemos a gente que se accumula nas praças; a multidão que se ágita no amphitheatro; os transeuntes que se acotovelam nas ruas; os commerciantes que se encostam aos balcões cheios dos potes de barro que contem os diferentes artigos do seu negocio; os padres do templo de Jupiter, de Apollo, de Hercules, de Isis, de Esculapio; as matronas no *lararium*; Cice-ro que se dirige

nas. Ora hoje temos para dar aos leitores da *Illustração Portuguesa* noticia em primeira mão, e acompanhada da reprodução de excellentes photographias da ultima descoberta importante ali feita, que nos foram enviadas pelo nosso correspondente photographico em Roma, o primeiro que foi auctorizado pela commissão directora das escavações a tirar photographias da casa dos *Amorsinhos doirados*.

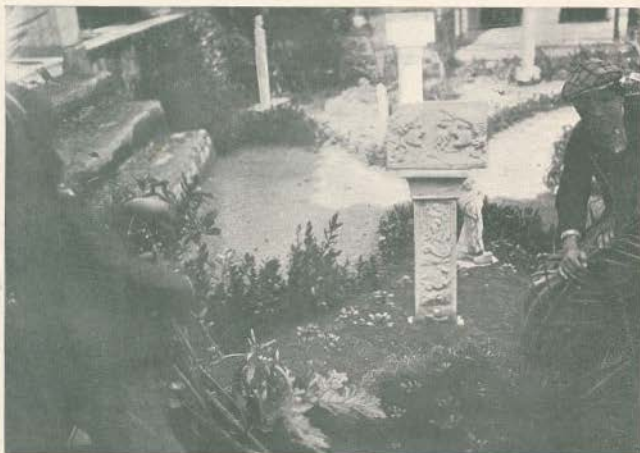
A casa dos *Amorsinhos doirados*! E' um nome encantador, afinal, tudo quanto o grego e o romano inventaram suggestionados pelo desejo de gosar a vida. Ainda nas mais estranhas aberrações, nas maiores licenciosidades, a que se entregaram, na sua decadencia, as civilizações antigas, é innega-

Lado direito do Viridarium. Ao fundo, á esquerda, o Lararium, que continha as estatuas de Jupiter, Juno, Minerva e Mercurio

vel que plana sempre um certo caracter artistico, um requintado sentimento ideal.

A historia da descoberta da casa dos *Amorsinhos doirados* liga-se tambem, e não deixa de ser curioso o facto, com a dos recentes acontecimentos politicos europeus. Em 1903, quando se estavam praticando escavações no lado septentrional da rua Stabiana, — uma das principaes arterias de Pompeia, com 9 metros de largura, que vae da porta Stabies até á do Vesuvio. — appareceu a parte superior das paredes de uma casa de disposição irregular. Continuou-se a cavar até descobrir os pequenos quartos que circumdavam o peristylo, mas quando se reconheceu que ha-

seguinte promettera visitar a Italia. Esta visita não se realisou, porém, e consequentemente adiu-se o complemento da escavação para a occasião da visita do sr. Loubet; mas o presidente da republica franceza não foi a Napoles senão para passar revista ás duas esquadras e partir de seguida. Resolveu-se, portanto, restituir finalmente á luz do sol aquelles thesouros por tanto tempo enterrados, aproveitando o ensejo do congresso nacional da Sociedade Dante Alighieri, não sendo, comtudo, o publico admittido a visital-os senão muito recentemente e dando-se ordem aos guardas para impedir, até ha pouco, qualquer tentativa photographica.



via no viridarium uma bella e rica collecção de esculpturas decorativas, que começavam a surgir de entre as cinzas e lapillis, suspenderam-se os trabalhos, aguardando uma occasião favoravel para os concluir deante dos olhos maravilhados de qualquer soberano ou chefe de Estado estrangeiro. Fez-se então o que na linguagem dos archeologos se chama «réparer les fouilles», e quer dizer simplesmente—libertar as muralhas lateraes, consolida-las, garantir os frescos, mas deixar intacta a massa de terra e de lapillis do centro, onde se suppõe dever encontrarem-se os objectos preciosos soterrados.

Depois, as escavações da casa da rua Stabiana foram preparadas para o tzar da Russia, que na primavera

A casa dos *Amorsinhos doirados* está situado no n.º 7 da rua Stabiana, dando o seu portico para a ruella que fica fronteira á celebre casa dos Vitti. Foi completamente restaurada, sendo as paredes reconstruidas até á altura primitiva, completadas as columnas do peristylo, restaurado o antigo desenho dos canteiros do jardim, hoje completamente floridos, e ornados com as bonitas esculpturas que alegravam a vista do rico proprietario, um mercador enriquecido no Egypto, provavelmente, e que reunira no seu viridarium um tão grande numero d'ellas como o faria um verdadeiro senhor ou um artista de talento. Dos dois lados do ambulacrum foram restaurados



os dois larários: um que contém a pintura de uma procissão isiaca com um Mercurio á frente e o outro contendo as estatuetas de Jupiter, Juno e Minerva, acompanhadas pela de Mercurio, cuja presença no larario indica, claramente que o proprietario da casa era homem de commercio. A restauração do *acus* ou *exedro* é a mais importante. Essa sala, ao lado sul, fazendo *vis-à-vis* á frente do peristyllo, era a mais sumptuosa da casa. Está pintada segundo o terceiro estylo pompeiano e as suas paredes dos lados e do fundo são enriquecidas

encontrado em nenhuma outra casa de Pompeia ou de Herculano, serviu, á falta de outra indicação particular, para distinguir a nova descoberta, cuja perfeita e intelligente restauração dá uma legitima idéa do gosto luxuoso e da arte requintada com que a burguezia de Pompeia, constituída pelos libertos enriquecidos, e bem diferente n'este ponto da nossa burguezia moderna, avara e banal, sabia, mesmo nas pequenas cidades, decorar e tornar garridas as suas casas, que ao cabo de dois mil annos, quando resurgem do solo, ainda despertam, ao nosso



por tres grandes frescos de perfeita execução, que representam Vulcano apresentando as armas a Thetis, Jasão e Pelias durante um sacrificio e Briseida e Patroclo sob a tenda de Achilles.

Infelizmente a sala que deu o nome á casa, a dos *Amorsinhos doirados*, escapa quasi completamente á revelação photographica, pela impossibilidade de reproduzir, a não ser por meio do desenho, pequenas figuras de 5 a 6 centímetros, pintadas em miniatura e doiradas por detraz de pequenos ovas de vidro e de esmalte. Como este genero de decoração não tivesse até agora sido

espirito, uma pontinha de inveja.

E' que hoje, no tempo que corre, n'esta época de uma civilização bastardamente materialista, despida de todos os ideaes, e ainda não assente na concepção higida e monista da vida, desequilibrada por essa circumstancia naturalmente, tudo anda pervertido, desde a arte até ao vicio, e portanto, desde um a outro extremo,— tocando-se, pela regra do proverbio—tudo se apresenta com um caracter inesthico, que nos faz desejar mesmo os descabros das velhas ci-

civilizações apuradas e requintadas.



# VIDA COLONIAL

As festas realizadas este anno em Lourenço Marques, promovidas pela Sociedade Portuguesa de Beneficencia de accordo com a Gala Weck, tiveram um exito brilhantissimo e attrahiram á nossa cidade da Africa do Sul um grande numero de forasteiros.

A exposiçõ regional de Moçambique, organizada por iniciativa do governa-



dor geral, e que constituia o principal artigo do programma das festas, offerencia, de resto, sufficiente interesse para despertar a attenção e a curiosidade. Todos os productos naturaes da provincia, —entre os quaes se destacam as ricas e preciosas madeiras, os diversos minerios sem exclusão do quartzo aurifero, o algodão, o tabaco, o café, a canna saccharina, as



O presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficencia — Pavilhão da exposiçõ  
— Expositõ de vinhos da casa João Machado — O carroussel da feira franca





A lição da exposição de Lourenço Marques não ficou, pois, decerto perdida, e se este bello exemplo fosse seguido pelas outras provincias ultramarinas, cremos bem que o desenvolvimento e progresso colonial não deixariam de lucrar bastante.



fructas tropicaes, — bem como todos os productos da industria local constituiram esse importante certamen, fornecendo um util e proficuo ensinamento. E conjunctamente, em uma secção especial, foram igualmente apresentados os artefactos fabricados pelos indigenas, que revelam a sua instinctiva aptidão industrial.



*Pavilhão do governo e um aspecto geral da feira franca—Barraca da tombola na feira franca*

—Cinematographo e mais barracas  
(CLICHÉS DE HENRIQUE DE CARVALHO, DE LOURENÇO MARQUES)



# O PERCURSO DO RAID

CIDADE DE VIZEU



*Vista geral de Vizeu*

A vista geral da cidade de Vizeu, que damos acima, foi tirada da avenida Massorim, e

apresenta a melhor das perspectivas da cidade que forma quasi um labyrintho pelo cruzamento das suas numerosas ruas, travessas, viellas e largos, que circumdam por todos os lados o outeiro onde está construida a igreja da Sé. A avenida de Massorim é hoje a principal arteria da cidade, que cada dia adquire maior desenvolvimento.

Vizeu, que constitue a capital da Beira Alta, é uma cidade antiquissima e ainda hoje bastante importante, de um gracioso aspecto porque reveste toda uma pequena collina, descendo pelas suas faldas e espraiaando-se depois pelos campos adjacentes. A sua fundação perde-se na noite dos tempos, sendo anterior á era christã. A sua riqueza epigraphica e em monumentos prehistoricos é, por isso, grande, mas



ALTAR-MÓR DO ANTIGO CONVENTO.—A architectura d'este altar, que foi conservado para o culto, é sumptuosa. Destaca-se n'elle a imagem do orago, Santo Antonio, ladeada pelas de outros santos.

de todas as numerosas curiosidades locais, sob este ponto de vista, a que mais interesse desperta aos forasteiros é a famosa cava de Viriato, a que anda ligada a tradição do heme lusitano.

A historia de Vizeu é igualmente cheia de paginas especialmente interessantes, pelas varias invasões que soffreu e pela larga série de factos guerreiros que a preenchem. Foi, além d'isso, temporariamente sede de alguns reis de Leão, e lá residiram tambem, em diversos periodos, D. João I e outros dos nossos. Lá se reuniram côrtes por mais d'uma vez. A todos estes meritos Vizeu junta ainda o de ser uma das cidades de maior nobreza do paiz, sede de grande numero de casas fidalgas, umas extintas e outras ainda com illustre representação.





1. — EDIFÍCIO DAS OFFICINAS DE SANTO ANTONIO. — Estas oficinas acham-se installadas no antigo largo do Convento de S. Bento, tendo ainda sido edificadas n'um dos restos lateraes do antigo mosteiro. O estabelecimento é consagrado á educação profissional e militar das creanças pobres. Conjunctamente mantem-se um albergue nocturno com dormitórios e casas de banhos.



2. — VISTA DA ENTRADA DE FONTELLOS, residencia do prelado da diocese. A carvalha secular, que estende os seus amplos ramos á entrada de Fontellos, é um bello exemplar de gigante vegetal.





1. — **PROLONGAMENTO DA CARREIRA.** — E' para esta carreira que dá a entrada de Fontellos, cuja photographia já ficou reproduzida. E' ladeada por magnificos carvalhos, castanheiros e choupos, ficando ao fundo a entrada para o paço episcopal, construção antiga e interessante. Na carreira existe tambem um chafariz publico, mandado construir pela Camara Municipal, e que tem a denominação de «Fonte Arcada.»



2. — **ASYLO DE MENDICIDADE.** — Este edificio está construido n'um dos pontos mais culminantes da cidade, disfructando-se, portanto, d'elle um panorama admiravel. Foi construido por um legado da sr.<sup>a</sup> viscondessa de S. Caetano. Na frente do Asylo destaca-se um cedro monumental, que dá ao sitio um poetico encanto.





# MEMÓRIAS DO Chete Jacob



Uma mulher seguindo outra na praça da Figueira

(CONTINUADO DO N.º 77)

Vi então descoberto o saquitol de linhagem; puxei-o para mim, titilava, metti-lhe a mão, agarrei um punhado de moedas. Eram todas de D. Pedro V. Achei mais dinheiro em notas. Pouco faltava para a quantia roubada e eu vencia!...

Mas de repente o juiz de paz e o outro guarda puzeram-se a gargalhada a dizerem:

— O' seu Jacob, o senhor está louco! Este dinheiro nunca foi falso!...

— Isso sei eu!...

— Então?!...

Não disse mais nada; mandei prender aquella gente e entrei no commissariado.

Puz o sacco com o dinheiro sobre a mesa do Balthazar; esperei.

Quando elle entrou e reparou na minha cara alegre exclamou com a sua gravidade do costume:

— Ah! o dinheiro falso... Sempre achou?! Bem! Mas olhava-o; soltava uma exclamação furiosa:

— Eu bem lhe disse que tomasse cautella! Quem lhe disse que este dinheiro é falso?...

Deu um murro na mesa, avançou para mim a clamar:

— Que comprometimento!...

Não me couve, e sempre perfilado bradei:

— Meu commissario, mande soltar os tres homens que eu sempre disse estarem innocentes, porque este é o dinheiro roubado na calçada do Conde Pombeiro!...

E eu vi então a cousa mais estranha possivel, meu amigo.

O commissario Balthazar deixou-se cair na cadeira, pallido, suffocado, sem gravidade e de repente estendeu me a mão, gritou:

— Jacob! Isso honra-o muito... Você salvou tres innocentes!... — e acrescentou: — Que eu ia sacrificar!...

O outro guarda, esse olaou-me n'um pasmo e gemeu:

— Eu bem disse! Sempre tive azar com os gatos pretos!...

## A morta de casa do conselheiro Vaz Preto

UM ASSASSINIO N'UMA CASA FECHADA POR ONDE ENTROU E POR ONDE SAHIU O CRIMINOSO?! A MANCHA ERA DE SANGUE?!

Eu passei adiante; entrei na sala e vi uma mulher morta; tinha uma funda facada no peito. A sua cara, onde os olhos se esboghavam, parecia, apesar de parada, cheia de terror.

Olhei-a. Eram duas horas da tarde n'um d'estes dias seccos de setembro que annunciava trovoadas.

Atraz de mim o commissario Ulpio da Veiga, que me vira trabalhar na descoberta do caso da Barbaleda, e que já lhe contei, e que foi apurado por aquelle mesmo mez no anno de 1879, falava a meia voz com o dono da casa, o conselheiro Vaz Preto, um velho juiz da Relação. A um canto estava um creado succumbido, terrorisado. Fôra elle quem primeiro vira a morta e ainda mal se recolhuzera do susto.

A mulher caira de face para cima, como se tivesse sido apanhada de subito e morresse sem dizer ai. Aquelle crime, practicado assim, ás duas horas da tarde, n'uma casa a meio d'uma rua concorrida



O commissario Balthazar deixou-se cair na cadeira, pallido, suffocado...

era um dos mais estranhos que me tinham apparecido. Geralmente, os grandes crimes dão-se de noite, ha de se notar. A casa era no largo da Graça, n.º 30. O juiz vivia ali em companhia dos seus creados, que eram aquella mulher agora morta e o outro, o Antonio, que tão succumbido estava depois de ter encontrado o cadaver. No chão espalhara-se sangue que manchava o tapete; da rua subiam vozes de gente pespegada em face do predio e o conselheiro, de véras commovido, não sabia dizer cousa alguma; desconhecia as relações da creada e julgava-a pessoa muito digna. A mala da sua roupa parecia ter sido aberta, mas não podia affirmar se lá faltava alguma cousa, pois não sabia dos seus teres.

O velho juiz parecia esperar que lhe dissessemos

— As portas estavam fechadas?! — perguntou o commissario...

— Todas bem fechadas!...

— Então como entrou aqui alguém?! Os assassinos não entram pelas fechaduras...

Ninguem sabia responder e realmente era singular que não houvesse ao menos uma indicação.

— Quem tinha as chaves?!...

— A creada... Pois se ella ficou em casa... Para que queriamos chaves?! — exclamou o conselheiro.

Aquillo era verdade e lá estavam todas nas fechaduras.

Não havia um indício; não apparecia a mais leve indicação e o Ulpio da Veiga, a recordar-me o crime



*Sempre tive azar com galos pretos*

alguma cousa; eu por mim confesso que não tinha um indício simples.

Ouvi então como se dera pelo crime. De manhã, ahí pelas 11 horas, o conselheiro sahira com o seu servo Antonio d'Almeida, que levára n'um sacco alguns livros para encadernar na casa Verol. O rapaz tinha mais uns recados a fazer; elle demorára-se um pouco na loja e á volta, depois de muito bater, ia retirar-se quando, vindo debaixo e com o sacco enrolado, chegou o rapaz.

Muito commovido, no seu canto, o homem explicou:

— Foi então que o sr. conselheiro me disse para ir de volta, ali pelo quintal da vizinha a vér o que se passava. Fui, saltei para o nosso jardim e encostei a cara á vidraça...

— E appareceu-me d'ahi a pouco, coitado, a dizer-me que estava a creada estendida no chão e n'uma poça de sangue... — exclamou o juiz.

da Barbaleda, menos mysterioso do que este, apesar de tolo o seu segredo, dizia-me:

— Veja você, Jacob... Seria um suicidio?! Pois se estão todas as portas fechadas... Se aqui não entrou ninguem!...

Com effeito aquella idéa fórz accete durante um momento.

A velha sósinha em casa, com todas as chaves nas portas, indicava bem que ali não penetrara um estranho. Logo, tratava-se d'um suicidio.

— Então que diz, Jacob?! — perguntou-me o velho juiz.

Eu dei alguns passos, fui até á janella, olhei os quintaes onde as arvores amarellavam, e depois voltei. Acerquei-me do cadaver — quem me havia de dizer quando eu era soldado que teria semelhante coragem — e puz-me a analysar o chão.

Não havia cousa alguma de suspeito. O tapete apenas tinha manchas de sangue e o commissario,



agarrado ao fecho da janella, pensava ainda que esse caso fôra um suicidio.

Lentamente, aquillo sahii-me da bocca, n'um goso infinito, disse:

— E onde está a faca com que essa mulher se matou?! . . .

Procurou-se por toda a casa; teve-se a idéa rapida de que ella podia ter atirado o golpe ao peito e deixado cair a arma, mas não se encontrava o rasto do sangue.

— Como fôra isso, então?!

Houvera crime e bem estudado crime.

O sr Vaz Preto dizia que ia mudar da casa, via-se-lhe no rosto um desespero enorme.

Andámos em indagações na visinhança; ninguém sabia cousa alguma. Voltámos á casa do crime em busca d'um signal que talvez nos tivesse escapado.

Então julgámos vêr junto á hombra da porta que deitava para o quintal, na brancura do alisar, e á altura d'um braço, uma dedada negra.

— Seria apenas um acaso, um pedacinho sujo ou uma mancha de sangue vaga, meia apagada?! Mas por onde entrára e por onde saíra o assassino?!

AS DEDUÇÕES ONDE CONDUZEM COMO UM SIMPLES RACIOCÍNIO LEVA A UMA DESCOBERTA ONDE O JACOB PROMETTE NARRAR COMO COM UMA CHAVE DE QUE NÃO SABIA A FECHADURA A FOI ACHAR ENTRE OS MILHÕES DE CASAS DE LISBOA

Nunca soubemos se aquella mancha seria de sangue e acreditado mesmo que não. Ao fim de dias já ninguém se lembrava d'ella a não ser eu. Mas não sei porque, talvez por ella, talvez por uma teima, julgava que o assassino entrára pela porta que deitava para o quintal e que por ali saíra.

Era em setembro, como já disse, a terra estava secca, não se podia seguir o rasto d'umas passadas.

Visitámos todo o quintal, demos voltas, abrimos a porta que dava para a travessa do Pereira e ficámos na mesma.

D'esta feita os jornaes, sobretudo *O Noticias*, que era muito lido, falavam e o Ulpio da Veiga, como no fim do caso da Barbaleda, não tinha vontade de rir.

Deixára o seu ar trocista e andava commigo a reconstruir o crime.

Aquella idéa da porta do quintal era a nossa teima.

A cu d iam-lhe outras reflexões mas vinham abaixo.

— Mas porque pensar que isso fôra assim?! interroguei eu que ouvira calado toda a narrativa.

— Porque?! Eu lhe digo.

Nós fazíamos o mesmo que julgávamos o assassino tivesse feito. Passára entre a meia duzia de arvores, subira uma pequena escadinha e chegára á porta detraz da casa.

— Mas porque não teria ido antes pela que deitava para o largo da Graça?! — interroguei de novo.

— Porque a escadatinha transitou e seria reparado aquelle que abrisse essa porta não estando em casa o conselheiro nem o creado. . .

— Também seria reparado

que houvesse um desconhecido no quintal! . . .

— Foram essas as nossas reflexões — declarou com lisura o Jacob.

— N'esse caso o crime ficaria sempre por descobrir a não ser que houvesse uma denuncia ou que o culpado se apresentasse. . .

— Ora como seria reparado que houvesse um desconhecido no quintal resta apenas saber uma cousa. . . Se não seria mais reparado que estivesse abrindo a porta do conselheiro da banda da rua?

— Ah! Certamente! Já lhe disse que isso era assim!

— Logo, em boa policia, o assassino fôra pelo quintal se como parecia era um homem de habilidade. Era a mais favoravel hypothese e devem seguir-se sempre essas. . . Diz o senhor que um des-



A casa n.º 90 do largo da Graça

conhecido no quintal seria ambem reparado... Claramente. Ninguém dera por isso... Mas se fôsse uma pessoa conhecida estranhar-se-hia?

— Não!

— Siga o meu raciocinio... Supponha que um homem abre a porta do quintal com uma chave falsa, pois a verdadeira guardava-se dentro de casa e lá appareceu. Esse homem chega á porta que do jardim abre para dentro de casa... Abre-a!...

— Mas...

— Perdão... Abre-a... Mata a creada, sahe, fecha por fóra a porta e encontra-se de novo no quintal. Resta-lhe sahir... Fecha a porta e depois de praticar o crime deita a chave fóra! Ninguém o viu ou pelo menos ninguem o notou?! E' o que se carece apurar! Assim como um desconhecido seria olhado e fixado no quintal, tambem o seria a fechar a portae talvez a atravessar na ruelle que, como sabe, é pequena... Não seria, pois, um conhecido?!...

— Quaes?! interroguei ao vér onde elle queria chegar.

— O conselheiro ou o creado!...

— E' verdade...

— Foi o raciocinio que fizemos o commissario e eu. Do conselheiro não se podia suspeitar; logo...

— Fóra o creado!...

— Mas era necessario chegar a uma certeza. Como poderíamos afirmar que o fôsse?! E se não tivesse sido?!...

— Saltámos após estas deducções para a travessa da Pereira e perguntámos a uma mulherzinha que costumava ali vender fructa a um canto de certo portal se ella vira o creado na tarde do crime.

— Toda a gente dissera que o vira, mas que apenas entrara em casa da mulher quando fóra vér o que havia por mandado do patrão. Chegára, fizera o pedido, subira por uma escada de mão até á janella e recuara logo aterrorizado deitando a correr pela travessa fóra depois de ter dito assarapantado:



*Enfrei n saletá e ví uma mulher morta*

— Estava admirado de semelhante logica; da maneira como se chegára áquillo sem um indicio.

— Era realmente verdade que um desconhecido, áquella hora, ou entrando em casa do conselheiro pela banda da rua ou atravessando o seu quintal, daria logar a reparos mesmo quando fechasse a porta que deitava para a travessa da Pereira. Logo seria um conhecido?!

— Mas havia ainda outra cousa?! Era necessario que se soubesse terem sahido o conselheiro e o creado e haver a certeza que elles se demoravam... Para se seguir esses homens não se tinha tempo de realisar o crime!... Não seria, pois, alguém certo de que havia uma demora?!

— Sim! Isso é claro!...

— Ora quem podia saber isso?... Ponha de parte a hypothese que a creada pudesse ter um amante que a visitasse porque ella era velha e honesta e mesmo porque esse homem ao sahir seria notado e não deixariam de ser sabidas na visinhança essas relações!... Parece-me, pois, que havia duas pessoas apenas que estavam nas condições de atravessar o quintal sem reparos e saberem da demora que se teria em voltar a casa!

— Está lá a creada morta!...

— Era necessario que não houvesse aqui uma confusão que podia ir condemnar um innocente.

— O homem fóra visto na travessa uma ou duas vezes?!

— Mas a mulherzinha dizia que o vira apenas uma e muito á pressa. Ia para baixo; até quasi lhe deitava a giga ao chão.

— E que horas seriam?

— Para ahí uma!

— Uma ou duas?!

— Embaraçou-se; não soube marcar ao certo, bem como as creanças que dizem, com as outras mulheres, terem-no visto na travessa. Se elle ali passára para ir vér pela janella o que havia na casa?!...

— Em todo o caso prendemol-o. Gemia e chorava, pedia que perguntassem ao patrão se elle era capaz d'aquillo; ajoelhava-se, fazia um grande clamor e dizia:

— Mas para que a mataria eu?!...

— Para a roubar... Ella devia ter economias e não appareceu cousa alguma... Onde tem você o dinheiro?

(*Continúa*)

ROCHA MARTINS.



**VIVITZ**  
L.T. PIVER  
PARIS  
Essence Savon Poudre et Riz  
Lotion Sachets  
etc

**AGUA CASTELLO**

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

NOUVEAU PARFUM  
**PRINCIA VIOLET**  
 29, B<sup>is</sup> des Italiens, PARIS

**Madame Brouillard**

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard.

**D**iz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, phronologia e physionomia e pelas applicações praticas das theoras de Gall, Lavater, L'Esbarrolles, Lambroze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do império e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. \*\*\*\*\*

**43, R. do Carmo, sobre-loja**

**Piolet** SABÃO REAL DE THRIDACE

PARIS Sabão "Veloutine"

Lembra: púls grãos p<sup>o</sup> Hygiene da Pele e Alveara do Buzio.

**COMPANHIA REAL DOS Caminhos de Ferro Portuguezes**

**AVISO AO PUBLICO**

No dia 1 de Setembro de 1907 será posta em vigor a tarifa especial n.º 22 de grande velocidade — Bivetes de identidade para viagens a meio preço em todas as linhas d'esta Companhia.

Para mais esclarecimentos podem os interessados consultar a tarifa affixada nos logares do costume ou obtel-a por carta nas estações d'esta Companhia Real.

Lisboa, 1 de Agosto de 1907.  
Director Geral da Companhia, A. Lepronx.

**Companhia \*\*\*\*\* DO \*\*\*\*\***

**Papel do Prado**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada  
Proprietaria das fabricas de Prado, Mariana e Soveririnho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). \*\*

\*\* Escriptorios e depositos \*\*

**LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276**  
**PORTO — 49, R. de Passos Manuel, 51**

Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto — Lisboa, N.º telephón. 508

**Seios**

Desenvolvidos, reconstituídos, aformosados, fortificados com \*\*\*\*\* as \*\*\*\*\* Piuulas Orientaes

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saude. Aprovado pelas notabilidades medicas.

**J. Raté, Ph. S, Passage Verdades, PARIS.** Frasco com instrucções, 1\$500 rs. Franco para vale do correo, enviado a **J. P. Bastos & C.º, 39, R. Augusta, LISBOA**

**Novo diamante americano**

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. ❀ ❀ ❀ Não confundir a nossa casa

**Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)**

agente em Paris: — Camille Lipman, 26, Rue Vignon

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro



# Sociedade de Seguros mutuos SOBRE A VIDA

Sede social: RIO DE JANEIRO — Filial em Portugal: Largo do Camões, 11, 1.º - Lisboa

## A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

Já é vantajosamente conhecida em Portugal, onde tem tido o melhor acolhimento. Sendo puramente mutua todos os seus lucros pertencem exclusivamente aos segurados. A Directoria local resolve sobre todos os assumptos, inclusivê a aprovação de propostas e pagamento de sinistros 24 horas após a apresentação das provas de morte.

### DIRECTORIA DA FILIAL

**Presidente:** Conselheiro Julio Marques de Vilhena, governador do Banco de Portugal, Par do Reino, Ministro de Estado honorario.

**Vice-presidente:** Conselheiro Dr. M. A. Moreira Junior, Ministro de Estado honorario e lente da Escola Medica.

**Director consultor:** Conselheiro Dr. Luiz Gonzaga Reis Torral, Advogado.

**Director medico:** Dr. Henrique Jardim de Vilhena.

**Gerente:** M. A. de Pinho e Silva.

Seguros de vida com sorteio semestral em dinheiro unicamente adoptado pela Equitativa

### DOTAÇÕES DE CREAÇAS DE 1 AOS 15 ANNOS

Nos sorteios de abril e outubro de 1905, abril de 1906 e abril de 1907 foram contempladas as seguintes apolias recebendo os segurados as respectivas importancias e continuando as mesmas em pleno vigor, a saber:

20180 — D. Amelia Marques da Costa Barros, Porto.....	15000\$000	20613 — M. Joaquim Casimiro Ivo de Carvalho, Lisboa.....	12000\$000
20270 — Dr. João Maria da Costa, Alpiarça.....	15000\$000	21539 — José Antonio Rodrigues, Bombarral.....	12000\$000
20291 — Lino Joaquim de Almeida Aguiar, Lisboa.....	15000\$000	22050 — João Garcia Augusto, Estremoz.....	12000\$000
20890 — José João Telhada, Santarém.....	15000\$000	20508 — José Francisco Enxuto Junior, Caldas da Rainha.....	12000\$000
20318 — D. Maria da Silva Catharino, Aljaraz.....	15000\$000	21956 — (provisorio) Adelino dos Santos Cera e esposa, Cantanhede.....	12000\$000
20330 — D. Antonio Cesar Almeida Reina, Figueira da Foz.....	15000\$000	22173 — Joaquim Paulo Marques, Alcaçovas.....	12000\$000
20755 — José Fernandes Rodrigues, Lisboa.....	15000\$000	21508 — Manuel Lopes Varela, Aviz.....	12000\$000
20851 — Abilio de Mattos, Ponte de Lima.....	15000\$000		

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premios-prospectos e outras informações que forem dirigidas a

Filial d'A EQUITATIVA DOS E. U. DO BRAZIL

LARGO DO CAMÕES, 11, 1.º - LISBOA

Agente em PARIS: Camille Lipman, 26, Rue Vignon